

RELAÇÕES REVERSIVAS NA PREDICAÇÃO EM PORTUGUÊS

Telmo Correia Arrais*

ARRAIS, Telmo Correia. Relações reversivas na predicação em português. *Alfa*, São Paulo, 24:15-23, 1980.

RESUMO: A noção de conversividade lógica é transposta para um tratamento lingüístico, a fim de estudarmos as estruturas sintático-semânticas das frases de predicação reversiva em português. Após a caracterização formal da reversividade, analisamos seu mecanismo transformacional, para nos determos enfim nos problemas de sua estrutura semântica profunda e de suas propriedades lógicas.

UNITERMOS: Conversividade; Reversividade; Predicador; Argumento; Apassivação; Comparação; Transformação (derivação); Topicalização; Implicação; Simetricidade; Transitividade; Reflexividade.

1. Chamaremos aqui de relações reversivas o que, em lógica, é conhecido por *conversividade*, termo aproveitado por lingüistas como Lyons⁽³⁾ e Pupier⁽⁵⁾ enquanto outros, como Leech⁽²⁾ e Palmer⁽⁴⁾, têm adotado as expressões *sistemas relativos* e *oposições relacionais*. Trata-se, para eles, de pares de palavras que permitem a reversão entre os argumentos de uma frase. É o que se dá na relação entre *comprar* e *vender* ou entre *marido* e *mulher*. Se A vende para B, B compra de A; se A é marido de B,

B é mulher de A. Daí dizerem os lógicos que duas proposições são conversivas (ou reversivas, em nossos termos) uma da outra quando são equivalentes, quando têm os mesmos argumentos, embora a ordem destes seja diferente de uma destas proposições à outra. Trata-se, pois, de construções simétricas, correspondendo uma à função $f(x,y)$ e a outra à função reversiva $f^1(x,y)$. Como se sabe, em termos lógicos $f^1(x,y) = f(y,x)$.

2. Façamos brevemente a transposição do tratamento lógico para

* Professor Assistente-Doutor do Departamento de Lingüística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP.

o linguístico, para que possamos analisar, com maior familiaridade, a estrutura peculiar deste tipo de predicação em português. Assim, a frase é aqui considerada não como uma estrutura bipolar de sujeito e predicado, e sim como uma estrutura constituída de um elemento central que governa um ou mais termos dependentes. A esse elemento central chamaremos *predicador*, pivô da frase que tem a propriedade de combinar-se com um único SN ou de relacionar um SN a outro termo; SN corresponde, pois, à estrutura mais comum dos termos governados pelo predicador, para os quais podemos valer-nos do nome genérico de *argumentos*.

Ora, se os termos reversivos permitem a estruturação de frases equivalentes, com diferente ordem dos argumentos ou sintagmas nominais, é sinal de que ocupam o lugar de predicadores, construídos com dois argumentos pelo menos. Não se pense, contudo, que apenas os verbos exercem a função de predicadores; também substantivos, adjetivos e mesmo advérbios ou locuções prepositivas podem exercer tal papel. Substantivos e adjetivos fazem-se acompanhar normalmente de uma cópula verbal, enquanto os advérbios ou locuções prepositivas podem estar relacionados a um verbo semanticamente pleno. Entre os verbos que formam pares reversivos, destacaremos, para estas considerações, *possuir/pertencer*, *gostar/agradar*, *comprar/vender*, *dar/receber*, *ensinar/aprender*. Entre os nomes — tanto substantivos como adjetivos — destacaremos *marido/mulher*, *pai/filho*, *tio/so-*

brincho, *avô/neto*, *maior/menor*. Enfim, um bom número de locuções adverbiais ou prepositivas, sobretudo referentes a posições espaciais, pode ser arrolado: *antes/depois*, *acima de/abaixo de*, *diante de/atrás de*, *à direita de/à esquerda de*. Exemplifiquemos algumas reversões:

- (1) a. O pai deu um presente ao filho.
b. O filho recebeu um presente do pai.
- (2) a. O capitão é tio dele.
b. Ele é sobrinho do capitão.
- (3) a. Sou maior que meu irmão.
b. Meu irmão é menor que eu.
- (4) a. O quatro vem antes do cinco.
b. O cinco vem depois do quatro.

Como bem se observa nos exemplos acima, a alteração da ordem dos argumentos se dá em função da substituição do predicador pelo seu reverso. Trata-se, pois, de predicadores que constituem, em sua maioria, pares antonímicos com um tipo especial de relação, a que estamos dando o nome de relação reversiva.

Entretanto, um mesmo lexema predicador pode sujeitar-se à predicação reversiva, como é o caso dos verbos *casar (com)*, *parecer (com)*, *assemelhar-se (a)*, dos nomes *primo (de)*, *vizinho (de)*, *igual (a)*, *diferente (de)*, e de advérbios como *perto (de)*. Exemplos:

- (5) a. Pedro casou com Amália.
b. Amália casou com Pedro.

- (6) a. Pedro é diferente de Amália.

- b. Amália é diferente de Pedro.

- (7) a. O convidado é primo do diretor.

- b. O diretor é primo do convidado.

- (8) a. A delegacia fica perto da catedral.

- b. A catedral fica perto da delegacia.

3. Afirmamos, já, que uma das características das frases de predicação reversiva é a de apresentarem pelo menos dois argumentos. De fato, a grande maioria das frases até agora ilustradas é de dois argumentos. Contudo, podem ter também três argumentos, como bem comprova o exemplo (1), com o par *dar/receber*. Outro exemplo com três argumentos se dá com *vender/comprar*:

- (9) a. Pedro vendeu uma casa ao professor.

- b. O professor comprou uma casa a Pedro.

A construção com três argumentos verifica-se sobretudo no predicador de base verbal, não se registrando no predicador de base nominal. Mas, sem dúvida, há também predicadores de base verbal que só admitem dois argumentos, como ilustra o exemplo (10), com o par reversivo *possuir/pertencer*:

- (10) a. Pedro possui as terras.
b. As terras pertencem a Pedro.

Em suma, pode-se dizer que os predicadores de base não-verbal são bivalentes, enquanto os de base verbal podem ser bivalentes ou trivalentes.

4. Se, conforme a definição tomada como ponto de partida para nossa análise, o que caracteriza fundamentalmente a predicação reversiva é o traço permutativo, levando à inversão da ordem dos argumentos na estruturação da frase, não podemos deixar de considerar outros processos morfossintáticos produtivos para criar frases reversivas. Queremos referir-nos à apassivação para os verbos transitivos e à correspondência entre o comparativo de superioridade e o de inferioridade para os adjetivos e advérbios. No tocante à apassivação, estamos levando em conta meramente o aspecto formal da reversão entre o SN-sujeito e o SN-complemento. Não resta dúvida, entretanto, que a transformação passiva envolve um mecanismo bem mais complexo que a mera reversão entre os termos relacionados pelo predicador, cuja estrutura também fica bastante alterada com a presença de um auxiliar. Além disso, pode ser questionada a equivalência semântica, em algumas derivações passivas, com as formas ativas correspondentes, como na relação entre "Todos amam alguém" e "Alguém é amado por todos". (Para uma análise detida do problema, cf. Borba, 1, p. 226-230). Observem-se os exemplos de tais processos morfossintáticos de reversividade:

- (11) a. Pedro viu o sinal.
b. O sinal foi visto por Pedro.
- (12) a. O pai é mais elegante que o filho.
b. O filho é menos elegante que o pai.
- (13) a. O filho anda mais rapidamente que o pai.
b. O pai anda menos rapidamente que o filho.

O exemplo (13), entretanto, mostra-nos que a derivação reversiva poderia ser outra, uma vez que o advérbio *rapidamente* tem seu próprio reversivo: *vagarosamente*. Assim:

- (13) c. O pai anda mais vagarosamente que o filho.

Na reversão de frases comparativas — de superioridade ou de inferioridade — poderá haver, pois, mais de uma derivação, dependendo da existência ou não de outro lexema reversivo para o adjetivo ou advérbio. Ilustrando:

- (14) a. O pai é mais forte que o filho.
b. O filho é menos forte que o pai.
ou c. O filho é mais fraco que o pai.
- (15) a. O filho chegou mais tarde que o pai.
b. O pai chegou menos tarde que o filho.
ou c. O pai chegou mais cedo que o filho.

5. Passemos, agora, a examinar o problema da transformação reversiva. No quadro da gramática gerativa, o fato de que as frases reversivas se obtêm por permuta dos sintagmas nominais sugere um tratamento transformacional. Duas frases reversivas teriam, pois, a mesma estrutura profunda. Haveria, além disso, uma transformação muito geral de permuta dos argumentos em torno do predador.

Mas, na verdade, as transformações apresentam diferentes graus de complexidade conforme o tipo de frase reversiva. Assim, para os predicadores bivalentes, além da permuta dos argumentos, poderá haver a substituição do predador — no caso de pares lexicais reversivos — e o acréscimo de uma preposição ao argumento x, que deixa de ser o argumento inicial. Atente-se para o exemplo anterior de número (10):

- (10) a. Pedro *possui* as terras.
b. As terras *pertencem a* Pedro.

Já no caso da apassivação, além da permuta dos argumentos, dá-se o acréscimo do auxiliar com a mudança do verbo para a forma participial, bem como o acréscimo da preposição (normalmente *por*) diante do nome agente.

Enfim, quando o predador é trivalente, as coisas se complicam um pouco mais. Primeiramente, porque pode ser feita a derivação reversiva, mantendo-se a voz ativa. É o que nos mostrou o exemplo (1), com o par reversivo *dar/receber*:

- (1) a. O pai deu um presente ao filho.
b. O filho recebeu um presente do pai.

Em segundo lugar, porque cada uma destas pode, por sua vez, sofrer a transformação reversiva da apassivação. Assim:

- (1a') Um presente foi dado pelo pai ao filho.
(1b') Um presente foi recebido do pai pelo filho.

No primeiro par reversivo, a permuta de funções se dá entre o SN-sujeito e o SP-complemento — o destinatário —, mantendo-se inalterado o SN-complemento direto; no segundo par reversivo, é o SN-com-

plemento direto da ativa que assume a função de sujeito, passando o SN-sujeito das frases ativas à função de complemento agente precedido da preposição *por* nas frases passivas.

6. Uma questão a ser colocada é a seguinte: apresentarão as frases reversivas a mesma estrutura semântica profunda? Em termos de relações casuais a resposta é positiva. Com efeito, dois predicadores reversivos apresentam o mesmo arranjo casual. Assim, *dar* e *receber* ambos selecionam Agentivo, Objetivo e Dativo; *possuir* e *pertencer* ambos selecionam Dativo e Objetivo e assim por diante. Vejamos alguns exemplos precedentes, acompanhados das etiquetas casuais:

- (1) a. O pai deu um presente ao filho.
(A) (O) (D)
b. O filho recebeu um presente do pai.
(D) (O) (A)
(10) a. Pedro possui as terras.
(D) (O)
b. As terras pertencem a Pedro.
(O) (D)

Pode-se dizer, nos termos da gramática dos casos, que a diferença em cada par está na topicalização do sujeito. Assim, no exemplo (1), se se topicaliza como sujeito o Agentivo, o predicador será o verbo *dar*; se se topicaliza o Dativo, o predicador será *receber*. No exemplo (10), se se topicaliza como sujeito o Dativo, o predicador será o verbo *possuir*; se se topicaliza o Objetivo, o predicador será *pertencer*. Nestes termos, a inserção do predicador seria subsequente à to-

picalização do sujeito. Pode-se mesmo pensar num predicador mais abstrato, que indicaria DOAÇÃO nas frases (1) e POSSE nas frases (10), que se ramificaria neste ou naquele lexema, de acordo com o argumento topicalizado.

A importância e primazia da topicalização na transformação reversiva é ainda observada quando se tem um mesmo lexema predicador. Neste tipo de estrutura, aliás, são três as possibilidades de topicalização: ou se topicaliza o argu-

mento x, ou o argumento y, ou simultaneamente ambos, que aparecerão, pois, coordenados na função de sujeito. Assim, aos exemplos ilustrados de (5) a (8) poderemos acrescentar a alínea c:

- (5) c. Pedro e Amália se casaram.
- (6) c. Pedro e Amália são diferentes um do outro.
- (7) c. O convidado e o diretor são primos.
- (8) c. A cathedral e a delegacia ficam perto uma da outra.

Observe-se que, em tais estruturas, marca-se a reciprocidade através da partícula *se*, quando o predicador é verbo pleno, ou através de expressões como *um do outro* e similares.

7. A análise mais atenta da estrutura profunda das frases reversivas permite-nos, ainda, elucidar outros aspectos semânticos importantes no problema da reversividade. Parece não haver dúvida de que há normalmente uma relação de implicação entre as frases da alínea a e as correspondentes da alínea b. Assim, a frase anterior (9a) implica a sua reversiva (9b):

- (9) a. Pedro vendeu uma casa ao professor.
- b. O professor comprou uma casa a Pedro.

Sem dúvida, ações como *vender* e *comprar* requerem normalmente que dois seres sejam ativamente

envolvidos. Mas cada um exerce uma ação e estas não são consideradas exatamente iguais: uma envolve a entrega de mercadoria, a outra envolve o pagamento por essa mercadoria. Por isso, a língua emprega diferentes verbos para exprimir a ação executada por cada participante: *comprar* para o que paga, *vender* para o que fornece a mercadoria. Entretanto, cada um dos executores é envolvido, como um não-executor, na ação desencadeada pelo outro participante (ou seja, *Pedro entrega a mercadoria ao professor / O professor paga a Pedro*). Assim, embora (9a) tenha uma relação de implicação com (9b), o verbo empregado em (9a), *vender*, descreve a negociação *do ponto de vista da atividade de Pedro*. Nessa frase, *Pedro* é, portanto, um argumento causativo, enquanto *o professor* é um argumento afetado. Inversamente, o mesmo se dá na frase de *comprar*.

Verbos do tipo *vender* e *comprar* (cf. *ensinar/aprender*, *dar/receber*), normalmente selecionadores de três argumentos, constituem "predicadores reversivos complementares", uma vez que descrevem situações em que as atividades dos dois participantes, embora diferentes, complementam uma à outra. Às vezes, a língua apresenta um terceiro termo que, de certa forma, é capaz de se referir às atividades dos dois participantes simultaneamente, neutralizando, pois, a diferença de atuação de cada um. É o que se dá com *negociar*, em relação a *vender* e *comprar*:

- (16) a. Pedro negociou com o professor.
b. O professor negociou com Pedro.
c. Pedro e o professor negociaram.

Estes três últimos exemplos permitem passar a outro tipo de relação reversiva, aquela em que dois participantes estão engajados do mesmo modo no processo verbal. É o que se observa com o predicador reversivo unitário, portanto não membro de um par, cujos argumentos apresentam as mesmas marcas semânticas (ambos são afetados ou instigadores ou causa). Assim:

- (17) a. Ele lutou com o irmão.
b. O irmão lutou com ele.
c. Ele e o irmão lutaram.
- (18) a. O professor é vizinho do aluno.
b. O aluno é vizinho do professor.
c. O professor e o aluno são vizinhos.

Como se vê, esta é a típica relação reversiva recíproca, daí podermos ter as construções da alínea c, onde os dois argumentos aparecem coordenados na função de sujeito.

Um terceiro tipo de reversivas pode ser depreendido nas frases cujos predicadores não constituem pares antônimos. É o caso das reversivas com *possuir/pertencer* e *gostar/agradar*, como no exemplo (19):

- (19) a. Eu gosto dos móveis.
b. Os móveis me agradam.

Não se trata, como se nota, nem de reversão complementar nem de reversão recíproca. À falta de melhor termo, chamemo-la de “relação reversiva paralela”.

8. Analisemos, enfim, algumas propriedades lógicas das frases reversivas, usando, para tanto, as categorias comuns em lógica relacional, tais como simetridade, transitividade e reflexividade. Uma relação é simétrica se for mantida para os argumentos em ambas as direções. Se temos os argumentos x e y e a relação R , então $x R y$ e *inclui* $y R x$. Assim, a simetria é comum a todas as reversivas cujo predicador se mantém inalterado, como é o caso dos exemplos de (5) a (8). Uma relação é transitiva — o termo tem aqui um valor um pouco diferente do gramatical — se $x R y$ e $y R z$ inclui $x R z$. Assim, muitas das locuções espaciais são transitivas, pois se Pedro fica atrás de João e João fica atrás de Antônio, Pedro também fica atrás de Antônio. O mesmo se dá na reversão de comparativos: Se Pedro é mais forte que João e João é mais forte que Antônio, então Pedro é mais forte que Antônio também. Uma relação é reflexiva se o argumento está relacionado a si próprio: “Cinco é igual a cinco” ou “Fulano se parece consigo mesmo”. Observe-se que predicadores deste último tipo são também simétricos e transitivos.

Assim, em função de tais categorias, as frases reversivas podem

integrar-se em quatro diferentes sistemas. O primeiro, que tem basicamente a propriedade da simetria, constitui-se no sistema de reciprocidade. As propriedades da transitividade e da reflexividade são variáveis nesse sistema. Assim, se Pedro é primo de João e João é primo de Antônio, Pedro não é necessariamente primo de Antônio (pode ser ou não). De acordo com a condição de simetria e as regras de negação, uma frase como "Sou casado com uma mulher que não é minha esposa" é marcada como contradição.

O segundo sistema, que tem basicamente a propriedade da transitividade, mas assimétrico e não-reflexivo, constitui um verdadeiro sistema de ordenação (acima de/abaixo de; à direita de/à esquerda de; diante de/atrás de; melhor que/pior que). A condição de assimetria garante que as regras de exclusão, inconsistência e contradição lógicas sejam aplicadas a este sistema de frases. Assim, "O menino atrás de João está diante

dele" é inconsistente e contraditória.

O terceiro sistema, caracterizado por frases assimétricas e intransitivas, constitui-se no sistema de correspondência. Tais frases são assimétricas porque o elemento predador, que estabelece a relação entre os argumentos, não é constante, sendo substituído pelo seu antônimo na reversão. Intransitivas porque, se Pedro vendeu a casa a João que a vendeu a Antônio, não quer isso dizer que Pedro vendeu a casa a Antônio.

Finalmente, o quarto sistema seria constituído de frases que apresentam as propriedades da reflexividade, simetridade e transitividade. Este é o sistema de equivalência, cuja característica fundamental é a reflexividade, pois, como vimos, a presença desta propriedade acarreta a existência das outras duas. Contudo, são raros os predicadores reversivos que apresentam as três propriedades simultaneamente.

ARRAIS, Telmo Correia. Reversing relations in Portuguese predication. *Alfa*, São Paulo, 24:15-23, 1980.

ABSTRACT: The notion of logical conversion is transferred to a linguistic treatment, so that the syntactic-semantic structure of the reversing predication sentences may be studied. The paper presents three main parts: 1) the formal characterization of reversibility; 2) the analysis of its transformational mechanism; 3) the problem of its deep semantic structure and of its logical properties.

UNITERMS: Conversion; Reversibility; Predicator; Argument; Passivization; Comparison; Transformation (derivation); Topicalization; Implication; Symmetry; Transitivity; Reflexivity.

ARRAIS, T. C. Relações reversivas na predicação em português. *Alfa*, São Paulo, 24:15-23, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORBA, Francisco da Silva. *Teoria sintática*. São Paulo, T.A. Quêiroz/ Ed. USP, 1979.
2. LEECH, Geoffrey. *Towards a semantic description of English*. London, Longman, 1969.
3. LYONS, John. *Semantics: 1*. Cambridge, University Press, 1977.
4. PALMER, F.R. *Semantics: a new outline*. Cambridge, University Press, 1976.
5. PUPIER, Paul. Observations sur les prédicats converses. In: *Problèmes de sémantique*. Montréal, Les Presses Universitaires du Québec, 1973. p. 63-84.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. FILLMORE, Charles. The case for case. In: BACH, Emmon & HARMS, Robert, org. *Universals in linguistic theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-88.
2. ————. Some problems for case grammar. *Monograph Series on Languages and Linguistics*, 24:35-56, 1971.
3. HUTCHINS, W.J. *The generation of syntactic structures from a semantic base*. Amsterdam, North-Holland, 1971.